



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinaturas da MP de correção de aposentadorias e pensões concedidas entre fevereiro de 94 e março de 97; da MP de concessão de abono de R\$ 100,00 no I.R. de pessoas físicas; e sanção do PL que reduz alíquotas do PIS e da COFINS**

**Brasília-DF, 23 de julho de 2004**

Meu querido companheiro Palocci,  
Meu querido companheiro Amir Lando, e sua esposa Maria de Lourdes,  
Minha querida companheira Marisa,  
Meu caro companheiro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,  
Meu caro companheiro Luiz Gushiken, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação do Governo,  
Meu caro senador Valdir Raupp,  
Deputados presentes,  
Dirigentes sindicais,  
Meu caro Neto,  
Meu caro Juruna,  
Companheiro Campos,  
Companheiro Arnaldo,  
Companheiro Afonso,  
Luizão, e todos que estão aqui,  
Meus companheiros representantes dos aposentados, João Batista,  
Antonio Carlos Domingos, Wilson Roberto Ribeiro,  
Meus companheiros e companheiras,

Eu, na verdade, não ia falar. No meu *script*, aqui, era para falar apenas a Previdência, a Fazenda e os aposentados. Mas eu penso que não poderia



deixar que alguns sindicalistas aposentados que estão aqui fossem embora sem que notassem o meu otimismo. Eu sou daquele otimismo que o Palocci prega. Eu continuo sendo o brasileiro mais otimista e acho que nós vamos colher tudo que nós plantamos ao longo desses meses que estamos no governo.

Os aposentados, sobretudo, sabem que não foi pouca coisa aprovarmos o Estatuto do Idoso, projeto que estava há muitos anos no Congresso Nacional, estava até com cheiro de mofo, e nós não só limpamos o processo como o aprovamos, trazendo um benefício enorme para as pessoas, muitas até que não têm nenhum direito previdenciário.

Todos vocês sabem o benefício que foi antecipar a data do recebimento dos aposentados para 1º de maio, que era uma reivindicação histórica; não era uma reivindicação que custava muita coisa e eu nunca tinha conseguido entender porque os governos não queriam fazer.

Eu tinha pedido para o companheiro Amir Lando falar de uma outra coisa para vocês, que era um projeto de lei que nós mandamos; eu não mandei como medida provisória porque era preciso mandar como projeto de lei, porque a medida provisória, hoje, se não for votada, trava a votação no Congresso Nacional. Mas é um projeto de lei que abre – para os aposentados brasileiros e pensionistas – empréstimos bancários a juros mais ou menos no mesmo acordo com que foi feito para os trabalhadores da ativa. Juros que variam de 1,75 a 2,8%, para que os trabalhadores possam, o aposentado sobretudo, não se desfazer dos seus bens, às vezes por causa de 100, 200, 300 reais que ele precisa. Ele vai poder ir ao banco e contrair empréstimo por 12, 24, 36 meses. Eu não tenho dúvida que na reabertura do Congresso Nacional eles votarão logo esse projeto para beneficiar os milhões de aposentados que, muitas vezes, são obrigados a ir na Caixa Econômica Federal penhorar o seu relógio, penhorar o seu cordão de ouro, às vezes por causa de dinheiro para comprar remédio.



E pensando no idoso também, nós estamos instituindo no Brasil, este ano, e possivelmente a gente inaugure 130 farmácias populares, vendendo 92 tipos de remédios, principalmente os remédios que são próprios para quem tem a nossa idade, ou seja, remédios para diabetes, remédios para hipertensão a um preço que chegará, em alguns casos, até 80% mais baixos do que o preço que nós encontramos na farmácia. Essas farmácias serão normalmente abertas nos grandes centros metropolitanos do país, onde tem uma maior concentração e onde as pessoas estão, por causa da própria qualidade de vida, mais aptas a ter hipertensão, a ter determinado tipo de doença causada pelo nervosismo da nossa sociedade.

Uma outra coisa que me deixa muito otimista é que nós estamos apenas com 18 meses de governo e já podemos dar uma demonstração do que é possível fazer, e pode ser feito muito mais. Podem ter certeza de que é possível fazer muito mais.

Nós tivemos momentos de arrumação de casa, somos agradecidos eternamente pela compreensão que vocês tiveram, sobretudo, os trabalhadores, porque todos vocês também tiveram uma experiência de entrar no sindicato e ter que arrumar a casa para poder começar a fazer as coisas acontecerem. E hoje, há razão de sobra para o Palocci estar feliz, para mim, para o Gushiken, para o Eunício, para o Berger, para o Amir Lando, para a D. Marisa e para vocês.

Minha mãe dizia sempre assim: “notícia ruim, corre, notícia boa engatinha”. Eu fico vendo as notícias de hoje e de ontem dos jornais sobre crescimento da economia, crescimento da renda, crescimento da geração de empregos, e o Palocci não foi tão preciso quanto eu vou ser: 1 milhão, 34 mil, 270 empregos novos criados até o dia 1º de julho. É recorde histórico desde que foi criado o Caged, em 1992, sem contar a empregada doméstica, sem contar o funcionalismo público, porque eu só conto os que são contratados pela CLT, que são muito poucos, e sem contar as coisas que acontecem na



economia informal, que nós não temos controle.

Mais ainda, Palocci, um dado que eu não sei se eu já te falei. A demonstração do crescimento evidente, companheiro Gushiken... É que nós tivemos, neste semestre agora, um superávit de 400 milhões de dólares na nossa balança de turismo ou seja, entraram no Brasil 1 bilhão, 625 milhões de reais. Só para ter idéia do volume foram 47% a mais do que tudo que entrou no ano passado, só para ter idéia do crescimento.

Mais importante ainda é que o gasto dos turistas brasileiros cresceu 20%, Palocci. Demonstra que o turista brasileiro já gastou, este ano, 20% a mais do que gastou no ano passado. É esta a demonstração de que a economia está se recuperando fortemente.

É lógico que vocês sabem, alguns de vocês aqui já ficaram desempregados muito tempo, e sabem que muitas vezes a economia não começa a crescer hoje e gerar todo o seu resultado amanhã. O que nós estamos colhendo, hoje, não foi plantado este ano não, foi plantado desde julho do ano passado, quando o Palocci falava: a economia já começou a voltar a crescer.

Acontece que os resultados começam a aparecer seis meses, um ano depois. Qual é o nosso compromisso e o compromisso gostoso de cumprirmos? É que nós temos a convicção de que este ano já está ganho, ou seja, eu acho que este ano a economia vai crescer, neste segundo semestre, talvez até melhor do que cresceu no primeiro, e nós já estamos nos preparando para 2005. Nós precisamos começar janeiro de 2005 mais ou menos como o Brasil começou o segundo tempo com o Uruguai: temos que começar a marcar os gols logo no primeiro minuto, porque não podemos deixar a peteca cair, porque o que não falta neste país é gente torcendo para as coisas não darem certo. O que tem de gente fazendo figa para que a gente não consiga ter sucesso é uma coisa maluca, mas como eu sou um cristão e tenho muita fé, “urucubaca” não vai pegar em cima de nós.



Podem ficar certos que o otimismo que nós estamos sentindo, a alegria de ver o Brasil retomar o crescimento, a alegria de ver a confiança voltar no sorriso dos trabalhadores, no sorriso daqueles que estão desempregados; a confiança que a gente vê, tanto dos empresários internos quanto dos empresários externos, depositada na economia brasileira, é a solidez de um trabalho que vem sendo feito e pensado de forma meticulosa, sem permitir que a euforia, em nenhum momento tome conta de nós.

Outra coisa que vocês sabem, quem já esteve dentro da fábrica, aqui, e vocês estiveram, é que muitas vezes a gente recebe uma notícia do chefe, que no mês de julho fala assim: “Olha, acho que em novembro vai vir um aumento para a tua seção.” Você já começa a gastar por conta do aumento. Aí o chefe é mandado embora e não vem o aumento. Você fica com o prejuízo. Qual é o nosso desafio? É não permitir que a euforia faça com que a gente desencadeie um processo de acreditar que já está tudo resolvido e começar a gastar mais do que a gente pode arrecadar.

Aqui, eu quero que vocês saibam o seguinte: nós tratamos o dinheiro público como nós tratávamos o nosso salário quando estávamos na fábrica. E quem tem essa experiência sabe: gastou 5 reais a mais, fora do que estava previsto, vai ter que trabalhar a pé, porque não tem dinheiro para a condução, ou vai ter que pedir emprestado. E isso nós não vamos fazer. Portanto, vamos ser duros no controle dos gastos públicos mas, ao mesmo tempo, ser justos na elaboração das nossas políticas sociais.

E eu não tenho dúvida que nós vamos ter muitos encontros ainda e vocês vão poder medir o avanço que os trabalhadores brasileiros conquistarão nesses 4 anos de governo.

Eu quero, aqui, parabenizar o ministro Amir Lando, o ministro Berzoini, sobretudo os dois que foram da Previdência, agora do Trabalho, pela dedicação. O Amir Lando, desde que assumiu, não pensou em outra coisa a não ser em tentar encontrar um jeito de fazer um acordo. O Palocci, como



vocês sabem, é sensível, porque todo ministro da Fazenda tem uma sensibilidade ímpar. Eu, toda vez que quero ficar bravo com o Palocci eu penso na minha mãe, porque ela, quando a gente ia pedir dinheiro, era dura, não dava nunca o que eu queria, dava o que podia dar. E, aqui, eu acho que todo mundo tem essa experiência.

Eu quero agradecer a vocês pela dedicação, pelo tempo que dedicaram para fazer esse acordo e quero agradecer aos aposentados e aos sindicalistas pela fineza e pela compreensão de que o montante do esqueleto que herdamos é muito alto e nós estamos pagando da forma que é possível pagar, porque nós não temos como inventar recursos.

Muito obrigado a vocês pela expectativa positiva que depositaram nesse acordo. E muito obrigado Amir, muito obrigado companheiro Palocci, Berzoini, que já foi embora, e quero dizer que outros acordos serão feitos. Fazer acordo, tem gente, aqui, com experiência de fazer acordo e sabe que é difícil. Neto, você, e quem é do setor público sabe que desde que o Brasil foi proclamado República, o Brasil nunca conseguiu fazer um acordo entre o sindicato dos servidores públicos e o governo. Este ano nós fizemos acordo com 99% dos sindicatos. Para isso nós envolvemos dez ministros, envolvemos quase um ano de negociação, envolvemos tudo que a gente tem de experiência no meio sindical e, graças a Deus, conseguimos um bom resultado, porque dentre todas as conquistas que nós queremos obter quando deixarmos o governo, é deixar selada a marca de que foi criado um outro padrão de relacionamento entre o Estado brasileiro e a sociedade, entre o governo e os trabalhadores. E vamos conseguir, podem estar certos.

Obrigado.